

*sobre fio de lume*, de Luís Soares Barbosa

Por várias razões é uma grande alegria poder estar aqui, até pela intimidade, pela conspiração que uma sala com amigos tão próximos é capaz de oferecer. Queria agradecer muito o convite e dizer que é de facto com enorme satisfação que testemunho a minha experiência de leitor deste belíssimo livro de Luís Soares Barbosa.

O livro chama-se *sobre fio de lume*, mais tarde voltaremos a essa sugestão de fogo e de ordálio que essa frase esconde, mas o título é acompanhado no interior de um subtítulo que acaba por desempenhar um papel pivot na estrutura da obra: *crónica de um amor vulgar*. Este subtítulo funciona aparentemente como uma dessacralização: se o título anuncia o amor a partir do fogo, do fio de lume, fazer a crónica de um amor vulgar representa como que um abrandamento, ou uma declinação menor do amor. É curioso, porém, o jogo que aqui se estabelece, porque é precisamente a palavra *vulgar* que vai ligar este volume a uma obra maior do amor na tradição ocidental que é precisamente a *Rerum vulgarum fragmenta* que é o título por extenso daquele ficou conhecido como *Cancioneiro de amor* de Francisco Petrarca. Curiosa sabedoria esta de partir daquilo que parece ser quase o nosso amor banal, o nosso amor quotidiano, e ligá-lo no fundo àquele amor que tem uma aura plena, amor mitificado pela tradição poética. Nesse sentido não se estranhe que a figura de Petrarca venha a desempenhar um papel chave na organização do livro: é dele a primeira e a última epígrafe; os dois personagens que neste poema, em grande medida dialógico (poema-drama como lhe chamou o Júlio Martín), dão voz à trama poética, são precisamente Francisco (como o próprio Petrarca) e Laura, essa figura que representa o amor, o amor idealizado, o amor extremo, *et pour cause* também a poesia, ou a poesia enquanto possibilidade de enunciar o amor.

O drama de *sobre fio de lume* está organizado em 6 actos. O primeiro tem como título *dos dias quando passam*, o seguinte *como um lugar que houve*, o terceiro *a vida movediça*, o sucessivo *a casa*, o quinto *o medo*, o sexto acto e último, *o ofício da idade*. E a abrir há um poema chamado *cenário* e a concluir o livro um chamado *epílogo*.

A palavra *idade*, que surge duas vezes ao longo do poema, como que nos ajuda talvez a entrever o que desencadeia esta experiência poética. Se quisermos utilizar um verso do primeiro poema, aquele que justamente traça o cenário, poderíamos dizer que estes poemas acompanham a curvatura do tempo, e tentam reflectir aquilo que é o amor, um amor que tem idade, um amor que já se consegue reflectir, já se consegue pensar, um amor que atravessou várias estações, e que ao mesmo tempo continua a ser esse lugar. Esse lugar *que na usada luz do corpo // uma palavra apenas // como fio de lume // em seu nome fala e no que diz // se cala*. Talvez já não estejamos perante o incêndio do amor, mas perante este *fio de lume*: uma declinação mais silenciosa, mais subtil, mas também mais fulgurante para dizer aquilo que é a condição amorosa.

O corpo torna-se o lugar do poema e oferece-nos uma espécie de mapeamento daquilo que depois a própria poesia ousa, intenta, procura dizer. Juntando os versos onde aparece

a palavra *corpo*, aproximamo-nos da secreta cartografia que os versos, um a um, vão desenhando. Eles falam de

*usada luz do corpo,  
um corpo ausente,  
dilui-se o corpo,  
levas o corpo à boca cresceste,  
na milenar mobilidade do teu corpo,  
persiste apenas sobre o meu corpo aberto a desmedida usurpação da luz,  
mais tarde entendeu como era largo opaco o corpo,  
já o contorno do teu corpo era distante,  
meu corpo aberto descoberto,  
a oriente do teu corpo guardo a firme deposição da lava,  
fulguração da noite o corpo amanhecendo.*

Neste conjunto de versos, que traçam os limites de um poderoso campo semântico, colhemos o corpo como lugar, e lugar de uma plasticidade extensa, como se a diluição do corpo, a sua abertura, a sua ausência, o seu crescimento, a sua opacidade, fossem como que esperadas, como que suportadas pelo próprio acto de amor. No fundo, a poética de Luís Soares Barbosa ajuda-nos a pensar o corpo como lugar que o amor plasma. Se quiserem, o corpo é o primeiro lugar, o primeiro sintoma do amor. E o corpo é esse tópico continuamente trabalhado, o corpo é a consequência do amor. Não é apenas a causa do amor, não é apenas o corpo como máquina de desejo que nos abre ao amor, mas o corpo aparece como consequência, com todas as feridas, todas as marcas.

Sobretudo na poesia, as palavras que se usam acabam por funcionar como espelhos da nossa própria procura e emergem como sinais extraordinariamente significativos. Por isso, mais do que acrescentar palavras a esta obra, interessa-nos iluminar algumas palavras ou as mais insistentes desta didascália em seis actos que é *sobre fio de lume*.

E então, num texto onde o corpo oferece a definição do lugar, encontramos

*a pele porosa  
as minhas mãos  
os dedos ávidos  
os lábios  
as fendas  
a boca  
o rosto  
o ventre  
os pés  
os cabelos  
as veias  
o peito  
a voz  
os olhos e o olhar*

*os seios  
o colo  
a imensa nudez  
a vasta materialidade dos músculos  
o pulso  
a pele tensa.*

Há um gosto, uma paixão na enunciação do detalhe. O corpo, por um lado é visto como uma experiência, como aquilo que nos dá a experiência de nós próprios e a do mundo. Tudo passa pelo nosso corpo, mas ao mesmo tempo o corpo pode ser ainda decantado, ainda declinado, podemos parar num pequeno detalhe. E isso liga a obra de Luís Soares Barbosa, de facto, a uma longa tradição de poemas de amor que tentam precisamente perceber aquele ditado hebraico *Deus habita o detalhe*. É sobretudo no detalhe do corpo que percebemos como aí reside a possibilidade do espanto, a possibilidade do enamoramento, a possibilidade de uma sabedoria, de uma síntese reflectindo o corpo milimetricamente, já que o amor como que sugere e exige essa lentidão. Sendo uma obra relativamente breve, é uma obra de uma grande lentidão. Quando a fechamos ainda sentimos que estes actos se abrem e entreabrem em sugestões.

Sendo o texto, digamos, uma espécie de elogio ao corpo amoroso, não se fica na mitificação. Ousa falar do corpo, do corpo banal, do corpo vulgar, do corpo que eu encontro sem aura mas que, na medida do meu olhar, da minha atenção, redescubro em possibilidade de revelação e encantamento. E como em textos referenciais da tradição literária, por exemplo o *Cântico dos cânticos*, a que este livro necessariamente se liga, também aqui se ensina que falar do corpo é já falar da alma. De certa forma, nesta decantação que se faz do corpo, obstinada, exigente, paciente, impaciente, o que temos, como o próprio poeta nos diz, é *uma lenta sedimentação da alma*. Ou então, *a procura das indelévels precursões da alma*.

Por isso, este livro é um livro total. É um livro sobre a crónica dos nosso amores, mas é um livro sobre as nossas vidas. Sobre o que uma determinada geração é capaz de dizer sobre a sua própria experiência do mundo e sobre a sua condição humana.

Há duas coisas que me tocaram particularmente nesta obra. Uma é que não há verdadeiramente um centro, se quisermos, nos vários diálogos não há uma linha de progressão, não sentimos que há um avanço. Como a dada altura se diz, dá-se o ponto e depois retira-se o laço, retira-se o nó. Há um fazer e um desfazer permanente e esse operar sem um centro, esse caminhar sem um fíto é um espelho daquilo que o amor é. No fundo um caminho que não nos conduz a parte nenhuma, uma estrada da floresta que não vai para nenhum lado. E esse nenhum lado é que nos dá a possibilidade de um sentido, construído não como um rumo mas como forma de permanecer, de estar, de viver, de viver por viver fazendo um exercício contínuo de gratuidade.

Este livro de amor, é um livro de tensões. É um amor que se interroga, é um amor que se consome e não se consome... O ordálio por que passa o amor, é também esse de perceber como o amor se vai transfigurando, mais do que realizando, em aberturas e patamares

sucessivos. Há uma tensão permanente que a dada altura podemos pensar como uma desilusão ou uma certa amargura em relação ao amor, como se tivéssemos investido tanto aí e não fôssemos compensados suficientemente. Mas depois percebemos que é muito mais do que isso, porque é aí que a sabedoria poética do Luís Soares Barbosa, organiza os poemas entre a aurora e o amanhecer.

A curva do tempo torna-se um observatório possível para olharmos nós próprios e essa experiência central que é a experiência amorosa. Não se trata de um crepúsculo, não é este um livro crepuscular, embora muitas vezes o tom nos possa remeter para aí. Fala-se por diversas vezes do mês de Outubro, dessa espécie de música secreta de Outono que a dada altura se torna íntima dos nossos passos. Mas não é isso. A primeira frase do livro é um reconhecimento: *tinham vivido sós desde que os juntara a aurora*. O reconhecimento de que este amor que une Francisco e Laura, que une o poeta à poesia, que une o amado à amada, é uma espécie de consequência da aurora. E o último poema do sexto acto, num verso extraordinário, fala do corpo como *fulguração da noite e corpo amanhecendo*. Este corpo que diz esta tensão, que vive a extenuação do próprio tempo, a *usura da luz*, este corpo avaliado com um luz já gasta, já puída, não deixa de ser *fulguração de um corpo amanhecendo*. O penúltimo poema tem um subtítulo que diz *Laura medita enfim sobre a ressurreição da carne*. E este livro que parece ser, no que se propõe, uma crónica de um amor vulgar, acaba por nos permitir pensar aquilo que é todo o amor.

Esta semana o poeta Jorge Sousa Braga mandou-me um texto que tinha acabado de traduzir, um poema de amor místico da Índia chamada *Marabai* e que é um poema com uma estrutura e uma intensidade muito semelhante à do *Cântico dos cânticos*, e que é contemporâneo da chegada dos portugueses à Índia. No telefonema que ele me fez dizia que o que mais espanta é nós termos chegado à Índia estarmos muito interessados no cravo e na canela e (...) e ninguém ter falado dos poemas místicos, não haver ninguém que trouxesse para Portugal os poemas de amor da antiga Índia.

Esta indisponibilidade para pensar o amor, para guardar os poemas de amor, não é só do tempo das Descobertas. Se calhar também hoje estamos mais centrados no cravo e na canela dos dias que correm, nas taxas de juro e em todo este mundo financeiro que implode e o amor acaba por ser sempre este lugar secreto, esta espécie de segredo que o tempo guarda.

Ler este poema de Luís Soares Barbosa e a revisitação que ele faz do amor, de forma tão delicada, intensa e sábia, é um incitamento, a voltarmos aos nossos lugares do amor.

**José Tolentino de Mendonça**  
na apresentação de *sobre fio de lume*, na Livraria Bulhosa, Lisboa,  
em 11 de Outubro de 2008.